

A SEMANA – 245*

7 de fevereiro de 1897

A semana é de mulheres. Não falo daquelas finas damas elegantes que dançaram em Petrópolis por amor de uma obra de caridade.¹ Para falar delas não faltarão nunca penas excelentes. Quisera dizer penas de alguma ave graciosa, a fim de emparelhar com a de águia que vai servir para assinar o tratado de arbitramento entre os Estados Unidos e a Inglaterra.² Mas se o nome de pena ficou ao pedacinho de metal que ora usamos, direi às damas de Petrópolis que também haverá um coração para adornar as que escreverem delas, como houve um para enfeitar a pena de águia diplomática. Diferem os dois corações em ser este de ouro, cravejado de brilhantes. E são ingleses! e são anglo-americanos! E dizem-se homens práticos e duros! Em meio de tanta dureza e tanta prática, lá acharam uma nesga azul de poesia, um raio de simbolismo e uma expressão de sentimento que se confunde com o dos namorados.

Nós, que não somos práticos e temos uma nota de meiguice no coração, tão alegres que enchamos as ruas de *confetti*³ cinco ou seis semanas antes do carnaval, nós não proporíamos aquele coração de ouro com brilhantes para assinar o tratado. Não é porque as nossas finanças estão antes para o simples aço de Birmingham, mas por não cair em ternura pública, neste fim de século, e um pouco por medo da troça. Nós temos da seriedade uma ideia que se confunde com a de sequidão. Ministro que em tal pensasse cuidaria ouvir, alta noite, por baixo das janelas, ao som do violão, aqueles célebres versos de Laurindo:

* Esta edição foi preparada a partir da consulta às seguintes fontes: GN (ano XXIII, n. 38, p. 1, 7 fev. 1897), SEMMA (p. 415-419) e SEM1953 (v. 3, p. 407-412). Texto-base: GN. Editor: Gilson Santos. Revisor: José Américo Miranda.

¹ “Na bela festa de caridade, que teve lugar ontem em Petrópolis, promovida pela distintíssima comissão composta das Sras. condessa de Wilson, viscondessa de Cruz Alta e Mmes. Landsberg e Allen, falou-se muito sobre as condições do Asilo Nossa Senhora da Piedade.” (*Gazeta de Notícias*, ano XXIII, n. 32, p. 2, col. 1, 1º fev. 1897)

² Sobre o tratado geral de arbitramento entre Estados Unidos e Inglaterra, ver *Gazeta de Notícias* (ano XXIII, n. 31, p. 1, 31 jan. 1897). O cronista mencionou esse assunto em “A Semana – 242”, de 17 de janeiro de 1897 – nota 3, neste número da *Machadiana Eletrônica*.

³ *confetti*] confetes – em SEM1953.

Coração, por que palpitas?
Coração, por que te agitas?⁴

Os ingleses e os anglo-americanos, esses são capazes de achar uma nota de poesia nas mulheres de soldados que se foram despedir de seus amigos do 7º batalhão, quando este embarcou para a Bahia, quarta-feira.⁵ Foram despedir-se à praia, como as esposas dos *Lusíadas* e até as fizeram lembrar aos que não esqueceram este e os demais versos: “Qual em cabelo: ó doce e amado esposo!”⁶ As diferenças são grandes; umas eram consortes dos barões assinalados que saíram a romper o mar “que geração alguma não abriu”,⁷ estas cá são tristes sócias dos soldados, e não podiam ir com eles, como de costume. Queriam acompanhá-los até à Bahia, até o sertão, até os Canudos, onde o major Febrônio não entrou, por motivos constantes de um documento público.⁸ Dizem que choravam muitas; dizem que outras declaravam que iriam em breve juntar-se a eles, tendo vivido com eles e querendo morrer com eles. Delas não poucas os vieram acompanhando de Santa Catarina e nada conheciam da cidade, mas bradavam com a mesma alma que buscariam meios de chegar até onde chegasse a expedição.

Talvez tudo isso vos pareça reles e chato. Deus meu, não são as lástimas de Dido,⁹ nem a meia dúzia de linhas da notícia podem pedir meças aos versos do poeta. Os soldados do 7º batalhão não são Eneias; vão à cata de um iluminado e seus fanáticos, empresa menos para glória que para trabalhos duros. Assim é; mas é também certo, pelo que dizem as gazetas, que as tais mulheres padeciam deveras. Ora, a dor, por mais rasteira que doa, não perde o seu ofício de doer. Essas amigas de quartel não elevam o espírito, mas pode ser que contriste ouvi-las, como entristece ver as feridas dos mendigos que andam na rua ou residem nas calçadas, corredores e portas.

Entre parêntesis, não excludo do número dos mendigos aqueles mesmos que têm carro, porquanto as suas despesas são relativamente grandes. Há dias, alguém que lê os jornais de fio a pavio deu com um anúncio de um homem que se oferecia para puxar

⁴ Versos do poema “A minha resolução”, de Laurindo José da Silva Rabelo (1826-1864). Na edição das *Obras poéticas* de Laurindo Rabelo (1876, p. 98-99), organizada e anotada por Joaquim Norberto de Sousa Silva, os versos (2-3) vêm nesta ordem: “Coração, por que te agitas? / Coração, por que palpitas?” O cronista inverte a ordem dos versos – provavelmente, citou-os de memória.

⁵ A *Gazeta de Notícias* (ano XXIII, n. 35, p. 1, col. 8, 4 fev. 1897), em matéria intitulada “Antônio Conselheiro”, descreveu a despedida de “um bando de pobres mulheres, companheiras dos praças, muitas das quais, debulhadas em lágrimas, lastimavam o abandono em que ficavam por não lhes ser permitido, como tem sido quase praxe geral, acompanhar as forças”.

⁶ *Os Lusíadas* [IV, 91, 1] (CAMÕES, 2005, p. 110).

⁷ *Os Lusíadas* [V, 4, 1] (CAMÕES, 2005, p. 116).

⁸ Febrônio de Brito: militar brasileiro, que comandou a segunda expedição a Canudos, fugiu após ataques de Antônio Conselheiro e de seus comandados, em 18 e 19 de janeiro de 1897.

⁹ O episódio dos amores de Eneias e Dido, rainha de Cartago, pode ser lido no canto IV da *Eneida*, de Virgílio. (VIRGÍLIO, 2021, p. 246-301)

carro de mendigo;¹⁰ donde concluía esta senhora (é uma senhora) que há homens mais mendigos que os próprios mendigos. Chegou ao ponto de crer que a carreira do mendigo é próspera, uma vez que a dos seus criados é atrativa. Não vou tão longe; eu creio que antes ser diretor de banco, – ainda de banco que não pague dividendos. Tem outro asseio, outra compostura, outra respeitabilidade, e durante o exercício governa o mercado, ou faz que governa, que é a mesma coisa.

Pobres amigas¹¹ de quartel! Não direi, para fazer poesia, que fostes misturar as vossas lágrimas amargas com o mar, que é também amargo; faria apenas um trocadilho, sem grande sentido, pois não é o sal que dói. Também não quero notar que a aflição é a rasoura da gala e do molambo. Não; eu sou mais humano; eu peço para vós uma esperança, – a esperança máxima, que é o esquecimento. Se não houverdes dinheiro para embarcar, pedi ao menos o esquecimento, e este caluniado amigo dos homens pode ser que venha sentar-se à beira das velhas tábuas que nos¹² servem de leito. Se ele vier, não o mandeis embora; há casos em que ele não é preciso, e entretanto fica e faz prosperar um sentimento novo. No vosso pode ser necessário. Enquanto o sócio perde uma perna cumprindo o seu dever, a sócia deslemburada perde a saudade, que dói mais que ferro no corpo, e tudo se acomoda.

Lágrimas parecem-se com féretros. Quando algum destes passa, rico ou pobre, acompanhado ou sozinho, todos tiram o chapéu sem interromper a conversação, que tanto pode ser da expedição dos Canudos como do naufrágio da Laje.¹³ Por isso, descobre-te ao ver passar aquelas outras lágrimas humildes e desesperadas que verteram as esposas e filhos dos operários que naufragaram na fortaleza. Também estas correram à praia, umas pelos pais, outras pelos maridos, todas por defuntos, dos quais só alguns apareceram; a maior parte, se não ficou ali no seio das águas, foi levada por estas, barra fora, à descoberta de um mundo mais que velho.

Era uso dos operários irem às manhãs e tornarem às tardes; mas o mar tem surpresas, e as suas águas não amam só as vítimas ilustres. Também lhes servem as

¹⁰ Não localizamos o anúncio a que se refere o cronista.

¹¹ amigas] amigos – em GN. Acatamos a lição de Aurélio, que já vinha em Mário de Alencar.

¹² nos] vos – em SEM1953. A lição de Aurélio nos parece mais adequada ao contexto; entretanto, o emprego do pronome “nos” está correto – tanto dormem sobre tábuas as mulheres como toda a gente.

¹³ A *Gazeta de Notícias* (ano XXIII, n. 63, p. 1, col. 6, 5 fev. 1897) registrou o naufrágio da Laje, que ocorreu no dia 4 de fevereiro de 1897: “MEDONHA CATÁSTROFE / 19 MORTES / [...] / Eram 7 horas da manhã quando se deu aquela desgraça [naufrágio]. A essa hora aproximava-se da fortaleza da Laje [situada em ilha rochosa na baía de Guanabara, de frente para o Pão-de-açúcar], a lancha *Matilde*, a vapor, conduzindo 130 operários, empregados nas obras da defesa e fortificação do litoral. Perto da Laje parou a lancha, para aí deixar os trabalhadores ali ocupados. Uma turma de 40 homens passou-se para o escaler que seguia a reboque da lancha e desembarca na fortaleza. Volta o escaler à lancha, nova turma de trinta e nove homens toma nele lugar. [...] Da barra, avolumando-se pouco a pouco, vem uma vaga, que súbito, enfurecida, atira o frágil batel de encontro às pedras da fortaleza. Nelas fica presa a proa do barco, ao passo que a popa afunda, adernando com o peso.” Dezenove homens morreram afogados.

obscuras, sem que aliás precisem de umas nem de outras; mas é por amor dos homens que elas os matam. Assim ficam eles avisados a se não arriscarem mais sem grandes cautelas. Em caso de desespero, não trabalhem. O trabalho é honesto, mas há outras ocupações pouco menos honestas e muito mais lucrativas.



Lista das abreviaturas empregadas nesta edição

GN – *Gazeta de Notícias*.

SEMMA – *A Semana*, edição Mário de Alencar, 1922.

SEM1953 – *A Semana*, edição W. M. Jackson, 1953, 3v.

Referências

ASSIS, Machado de. *A Semana*. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, ano XXIII, n. 38, p. 1, 7 fev. 1897. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=103730_03&pagfis=15727>.

ASSIS, Machado de. *A Semana*. Edição coligida por Mário de Alencar. Rio de Janeiro: Garnier, 1922.

ASSIS, Machado de. *A Semana*. Revisão crítica e notas de Aurélio Buarque de Holanda. Rio de Janeiro: Jackson, 1953. v. 3 (1895-1900).

ASSIS, Machado de. *Obra completa em quatro volumes*. (Org.) Aloizio Leite, Ana Lima Cecílio, Heloísa Jahn. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2008. 4v.

ASSIS, Machado de. *Crônicas escolhidas*. Organização, introdução e notas de John Gledson. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2013.

CAMÕES, Luís de. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2005.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

RABELO, Laurindo José da Silva. *Obras poéticas*. Textos organizados e anotados por J. Norberto de Sousa Silva. Rio de Janeiro: B. L. Garnier, 1876.

VIRGÍLIO. *Eneida*. Edição bilíngue. Tradução de Carlos Alberto Nunes; organização, apresentação e notas de João Ângelo de Oliva Neto. 3. ed. São Paulo: Editora 34, 2021.

VOCABULÁRIO ortográfico da língua portuguesa. 5. ed. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2009. Disponível em: <<https://www.academia.org.br/nossa-lingua/busca-no-vocabulario>>.